

## ATIVIDADE ECONÔMICA

# Desempenho do PIB no segundo trimestre de 2024

## Sumário

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o produto interno bruto (PIB) acelerou no segundo trimestre de 2024, avançando 1,4% na comparação com o período imediatamente anterior, na série já livre de efeitos sazonais. Na comparação interanual, o resultado também foi positivo, com alta de 3,3% sobre o segundo trimestre de 2023. Com isso, o PIB registrou crescimento de 2,5% na comparação acumulada em quatro trimestres. Os resultados nos surpreenderam positivamente, posto que na *Nota de Conjuntura* nº 63,<sup>1</sup> divulgada em junho deste ano, prevíamos crescimento de 1,3% na comparação interanual, com avanço de 0,5% na margem. Já em relação à sua composição, o desempenho do PIB no segundo trimestre não trouxe maiores surpresas perante nosso cenário.

Nosso diagnóstico à época previa que o crescimento da economia em 2024 seria liderado pela demanda interna, com maior participação dos componentes mais sensíveis ao ciclo econômico, estimulados até então pela trajetória de queda nas taxas de juros e por políticas de sustentação de renda do governo. Tal combinação, prevíamos, resultaria num efeito estimulador tanto sobre o consumo de bens de serviços quanto sobre a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF). Com efeito, num cenário caracterizado por um mercado de trabalho aquecido, estoques ajustados e por um nível de utilização de capacidade rodando acima da média histórica, uma parcela desta demanda adicional seria atendida via aumento da produção industrial, estimulando também a recuperação dos investimentos. Da mesma maneira, prevíamos que uma parcela significativa desta demanda seria suprida pela aceleração das importações, resultando numa provável contribuição negativa das exportações líquidas sobre o crescimento do PIB.

O diagnóstico acima tem se mostrado acertado – e na verdade foi reforçado – com os dados recém-divulgados. Entretanto, é fato que não esperávamos que a economia fosse se mostrar tão aquecida no segundo trimestre, como efetivamente se verificou.

Embora os dados referentes ao PIB do primeiro trimestre, divulgados em junho, tenham vindo em linha com as nossas projeções de março, divulgadas na *Nota de Conjuntura* nº 62<sup>2</sup> em abril deste ano, os eventos do segundo trimestre trouxeram algumas interrogações sobre a trajetória da economia ao longo de 2024 e 2025. De fato, a ocorrência de choques negativos importantes – notadamente a tragédia climática no Sul, registrada entre o fim de abril e o início de maio, e a interrupção do

### Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea)

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

### Claudio Hamilton Matos dos Santos

Coordenador de acompanhamento e estudos da conjuntura na Dimac/Ipea

claudio.hamilton@ipea.gov.br

Divulgado em 5 de setembro de 2024.

1. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/06/240606\\_cc\\_63\\_nota\\_17.pdf](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/06/240606_cc_63_nota_17.pdf).

2. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/04/240403\\_cc\\_62\\_nota\\_27.pdf](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/04/240403_cc_62_nota_27.pdf).

ciclo de cortes na taxa Selic decidida na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em 19 de junho – levaram alguns analistas a rever para baixo suas previsões para o crescimento do PIB neste ano. Na ocasião, optamos, entretanto, por manter nosso cenário para o crescimento (de 2,2%) do PIB em 2024 inalterado, em vista dos dados positivos registrados pela economia em abril e da rapidez da resposta do governo à tragédia climática do Sul. Ocorre que, diferentemente do que considerávamos provável à época, os efeitos das enchentes no Sul, em termos agregados, parecem ter se exaurido no curto prazo, tendo aparentemente gerado apenas volatilidade ao longo do segundo trimestre – com quedas acentuadas em maio sendo seguidas de fortes – e algo surpreendentes – crescimentos em junho nos indicadores mensais de atividade econômica.

Entre os setores produtivos, o resultado do segundo trimestre traz como destaques o bom desempenho do setor de serviços e da indústria, ambos registrando aumentos na margem e contra o mesmo período do ano anterior. Já o PIB da agropecuária recuou nestas duas bases de comparação. Vale notar, no entanto, que a variação negativa na margem ocorreu sobre um crescimento de 11,1% no primeiro trimestre. Pelo lado da demanda, o consumo das famílias voltou a crescer, embora tenha apresentado alguma desaceleração na margem em relação ao período anterior. Além de um quadro mais favorável no mercado de crédito, o resultado reflete um mercado de trabalho cada vez mais aquecido, mantendo dinamismo tanto na criação de vagas quanto nos rendimentos. O PIB do segundo trimestre ratificou a melhora em termos de composição, caracterizada por mais uma forte expansão da FBCF. Como já era esperado, este resultado veio acompanhado de redução das exportações líquidas, explicada em grande medida pelo rápido crescimento das importações. Com isso, o *carry-over* para 2024 passou de 1,2% para 2,7% – ou seja, caso permaneça estagnado ao longo dos próximos dois trimestres, o PIB fechará o ano crescendo a essa taxa –, significativamente maior, registre-se, do que a nossa previsão de junho para o crescimento anual da economia, de 2,2%.

Em relação à ótica da produção, o PIB da agropecuária registrou quedas de 2,3% na margem e de 2,9% na comparação interanual. O resultado ficou acima da nossa projeção de -2,0% na margem e de -5,6% sobre o mesmo trimestre de 2023. A retração em termos interanuais subtraiu 0,2 pontos percentuais (p.p.) do crescimento do PIB. Entre os fatores condicionantes, contribuíram negativamente para o resultado as condições climáticas adversas, provocando um recuo na produção esperada de soja e milho. Em relação ao setor de serviços, os crescimentos de 1,0% na margem e de 3,5% em termos anuais ficaram acima da nossa projeção, que era de 0,5% e de 1,9%, respectivamente. Vale destacar que a expansão do setor ocorreu de maneira generalizada em ambas as bases de comparação, mesmo num ambiente menos benigno em relação aos seus preços. Com isso, o setor voltou a exercer a maior contribuição para a taxa interanual do PIB, somando 2,0 p.p.

Por fim, o setor industrial foi o grande destaque positivo no segundo trimestre, avançando 1,8% na margem, resultado que sucedeu queda de 0,1% no período anterior. Na comparação interanual, o crescimento de 3,9% foi a nona variação positiva seguida, representando uma adição de 0,8 p.p. ao resultado do PIB. Os resultados vieram mais fortes que os previstos, que eram de -0,4% na margem e de 1,8% na comparação interanual, respectivamente. Em termos agregados, os efeitos das enchentes na região Sul foram menores que o previsto sobre a produção industrial. Entre os componentes, assim como aconteceu com o setor terciário, o grau de difusão foi bastante elevado. Enquanto a única queda na margem ficou por conta das indústrias extrativas, o crescimento na comparação interanual ocorreu de forma generalizada.

Pela ótica da despesa, o consumo das famílias avançou 1,3% na margem, com crescimento interanual de 4,9%. O resultado representou a maior surpresa em relação às nossas previsões pelo lado da demanda, que eram de 0% na margem e de 3,2% em termos interanuais. Num ambiente mais benigno no mercado de crédito, os ganhos reais de renda do trabalho, associados às medidas de elevação do salário mínimo e às transferências de renda por parte do governo, continuaram a impulsionar a demanda interna. Com isso, o consumo das famílias contribuiu com 3,1 p.p. para o crescimento do PIB no segundo trimestre. Já o consumo do governo, que se elevou 3,1%,

em relação ao mesmo período do ano passado, avançou 1,3% na comparação com ajuste sazonal, números também acima do previsto (altas de 2,2% e de 0,6%, respectivamente).

Já a FBCF registrou alta de 2,1% na margem e crescimento de 5,7% na comparação interanual, contra previsões de 0% na margem e de 5,0% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Com o crescimento do índice de volume da FBCF no segundo trimestre do ano, que adicionou 0,9 p.p. ao PIB, a taxa de investimento da economia (FBCF/PIB em termos nominais) atingiu o patamar de 16,8%, o que representou alta de 0,4 p.p. em relação ao mesmo período de 2023. Por fim, as exportações registraram avanço de 1,4% na margem, resultado que sucedeu pequena alta de 0,4% no período anterior. Na comparação interanual, o volume exportado desacelerou pelo quarto período consecutivo, ainda assim ficando 4,5% acima do patamar observado no segundo trimestre de 2023. Por sua vez, refletindo o bom desempenho da demanda interna no período, as importações voltaram a registrar forte aceleração na margem (7,6%), com alta de 14,8% em termos interanuais. Embora o crescimento das importações já fosse esperado, o resultado superou nossas previsões, que eram de 3,3% e 10,6%, respectivamente. Com isso, as exportações líquidas retiraram 1,5 p.p. da taxa de crescimento interanual do PIB.

## 1 PIB

O PIB avançou 1,4% no segundo trimestre de 2024, na comparação com o período anterior, já livre de efeitos sazonais, e 3,1% na comparação interanual, de acordo com o IBGE (gráfico 1). Em valores correntes, o PIB totalizou R\$ 2,9 trilhões nos primeiros seis meses do ano, sendo R\$ 2,5 trilhões referentes ao valor adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 387,6 bilhões aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Na comparação acumulada em quatro trimestres, o PIB repetiu o resultado do primeiro trimestre, registrando expansão de 2,5%. Entre os componentes pelo lado da produção, os setores de serviços e indústria exerceram as maiores contribuições, sendo responsáveis por 2,0 p.p. e 0,8 p.p. da taxa de crescimento interanual. Já pela ótica da despesa, a maior contribuição veio do consumo das famílias, que adicionou 3,1 p.p. ao resultado. As exportações líquidas, por sua vez, subtraíram 1,5 p.p. do crescimento do PIB. Vale destacar que essa foi a segunda contribuição negativa consecutiva.

O avanço de 1,4% do PIB no segundo trimestre, que representou aceleração em relação ao ritmo verificado no período anterior (1,0%), reflete o bom desempenho da indústria e dos serviços, pelo lado da produção, nessa base de comparação. Ambos os setores registraram elevado grau de difusão, superando as expectativas para o segundo trimestre. O destaque negativo ficou por conta do PIB agropecuário, que, após o forte crescimento de 11,1% no primeiro trimestre, recuou 2,3% na margem. Pelo lado da demanda, ainda na comparação dessazonalizada, o consumo das famílias, juntamente com a FBCF, voltou a se destacar. Contrastando com o forte desempenho da absorção interna (demanda interna + variações de estoques), que avançou 2,3% na margem, as exportações líquidas contribuíram negativamente. Enquanto as exportações cresceram 1,4%, as importações registraram forte aceleração no período, com alta de 7,6%.

Os resultados, tendo por base a comparação com o mesmo período do ano anterior, contam uma história similar, mostrando um desempenho positivo de maneira generalizada. Entre os componentes, tanto pelo lado da produção quanto pelo da despesa, apenas a agropecuária registrou queda, ainda assim, tendo como comparação a forte expansão no primeiro trimestre de 2023. Vale destacar ainda o crescimento das exportações (4,5%), cuja base de comparação também é bastante elevada. Com o resultado do segundo trimestre, o *carry-over* para 2024 ficou em 2,7% –, ou seja, caso permaneça estagnado ao longo dos próximos três trimestres, o PIB fechará o ano com alta de 2,7%.<sup>3</sup>

3. O *carry-over*, ou carregamento estatístico, foi calculado da seguinte maneira: supõe-se que a série dessazonalizada terá crescimento nulo na margem ao longo dos dois próximos trimestres de 2024, mantendo-se, assim, no mesmo nível do segundo trimestre do ano. Em seguida, são aplicados os fatores sazonais referentes aos mesmos trimestres de 2023. Por fim, a variação anual é calculada a partir da série encadeada, sem ajuste.

Em termos gerais, olhando para as taxas de crescimento, os resultados do segundo trimestre vieram acima das previsões apresentadas na *Nota de Conjuntura* nº 63. Já em relação à sua composição, a abertura do PIB em seus componentes segundo as óticas da produção e da despesa não trouxe maiores surpresas perante nosso cenário. Nosso diagnóstico à época previa que o crescimento da economia em 2024 seria liderado pela demanda interna, com maior participação dos componentes mais sensíveis ao ciclo econômico, estimulados até então pela trajetória de queda nas taxas de juros e por políticas de sustentação de renda do governo. Tal combinação, prevíamos, resultaria num efeito estimulador tanto sobre o consumo de bens de serviços quanto sobre a FBCF. Com efeito, num cenário caracterizado por um mercado de trabalho aquecido, estoques ajustados e por um nível de utilização de capacidade rodando acima da média histórica, uma parcela desta demanda adicional seria atendida por meio de aumento da produção industrial, estimulando também a recuperação dos investimentos. Da mesma maneira, prevíamos que uma parcela significativa desta demanda seria suprida pela aceleração das importações, resultando numa provável contribuição negativa das exportações líquidas sobre o crescimento do PIB.

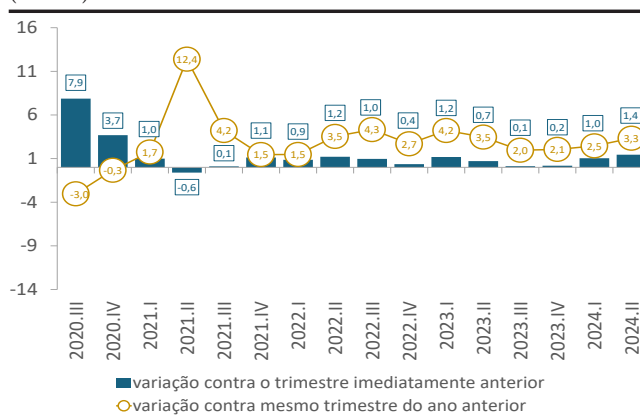
O diagnóstico acima tem se mostrado acertado – e na verdade foi reforçado – com os dados recém-divulgados. Entretanto, é fato que não esperávamos que a economia fosse se mostrar tão aquecida no segundo trimestre, como efetivamente se verificou.

Embora os dados referentes ao PIB do primeiro trimestre, divulgados em junho, tenham vindo em linha com as nossas projeções de março, publicadas na *Nota de Conjuntura* nº 62 em abril deste ano, os eventos do segundo trimestre trouxeram algumas interrogações sobre a trajetória da economia ao longo de 2024 e 2025. De fato, a ocorrência de choques negativos importantes – notadamente a tragédia climática no Sul, registrada entre o fim de abril e o início de maio, e a interrupção do ciclo de cortes na taxa Selic decidida na última reunião do Copom, em 19 de junho – levaram alguns analistas a rever para baixo suas previsões para o crescimento do PIB em 2024. Na ocasião, optamos, entretanto, por manter nosso cenário para o crescimento (de 2,2%) do PIB em 2024 inalterado, em vista dos dados positivos registrados pela economia em abril e da rapidez da resposta do governo à tragédia climática do Sul. Ocorre que, diferentemente do que considerávamos provável à época, os efeitos das enchentes nessa região, em termos agregados, parecem ter se exaurido no curto prazo, tendo aparentemente gerado apenas volatilidade ao longo do segundo trimestre – com quedas acentuadas em maio sendo seguidas de fortes – e algo surpreendentes – crescimentos em junho nos indicadores mensais de atividade econômica.

## 2 Ótica da produção

Entre os setores produtivos, o resultado do segundo trimestre traz como destaque o bom desempenho do setor de serviços e da indústria, ambos registrando aumentos na margem e ante o mesmo período do ano anterior. Entre os componentes, chama atenção o elevado grau de difusão. Já o PIB da agropecuária recuou nessas duas bases de comparação. Vale notar, no entanto, que a variação negativa na margem ocorreu sobre um crescimento de 11,1% no primeiro trimestre (tabela 1). Desde o quarto trimestre de 2019, período imediatamente anterior à pandemia, o setor registra o maior crescimento acumulado na margem (14,1%), embora seja também aquele

GRÁFICO 1  
**PIB: evolução das taxas de crescimento trimestral e dessazonalizado**  
 (Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

com a maior volatilidade. Já os setores da indústria e de serviços têm mantido uma trajetória de crescimento mais regular. Enquanto o primeiro acumula um crescimento de 8,2%, o segundo registra alta de 10,7% (gráfico 2).

TABELA 1  
**PIB e setores produtivos: evolução das taxas de crescimento**  
 (Em %)

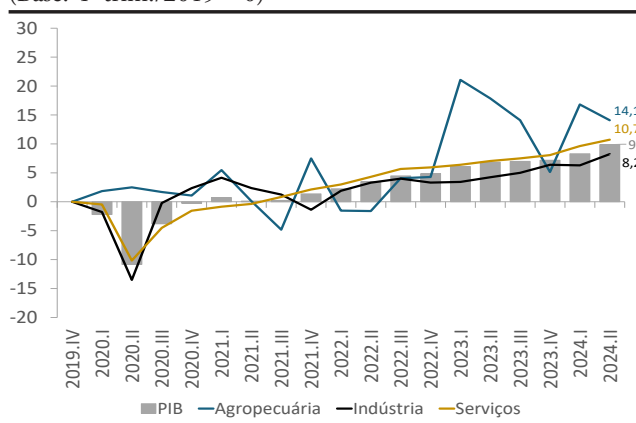
	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/Igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T22	4T23	1T24	2T24	3T22	4T23	1T24	2T24	No ano	Em quatro trimestres
<b>PIB a preços de mercado</b>	0,1	0,2	1,0	1,4	2,0	2,1	2,5	3,3	2,9	2,5
Impostos sobre produtos	0,4	-0,5	2,9	1,8	1,2	0,7	3,4	5,4	4,4	2,7
<b>Valor adicionado a preços básicos</b>	0,2	0,1	0,9	1,4	2,1	2,3	2,3	3,0	2,7	2,4
<b>Agropecuária</b>	-3,2	-7,8	11,1	-2,3	8,8	0,0	-3,0	-2,9	-2,9	0,0
<b>Indústria</b>	0,7	1,3	-0,1	1,8	1,0	2,9	2,8	3,9	3,4	2,6
Extrativa	-0,2	4,1	0,3	-4,4	7,2	10,8	5,9	1,0	3,4	6,2
Indústria de transformação	0,5	0,2	0,9	1,8	-1,5	-0,5	1,5	3,6	2,6	0,7
Eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	3,8	3,1	-2,6	4,2	7,3	8,7	4,6	8,5	6,5	7,3
Construção	-3,4	4,1	0,0	3,5	-4,5	0,9	2,1	4,4	3,3	0,6
<b>Serviços</b>	0,4	0,5	1,4	1,0	1,8	1,9	3,0	3,5	3,3	2,6
Comércio	0,5	-0,7	2,5	1,4	0,7	-0,1	3,0	4,0	3,5	1,8
Transporte, armazenagem e correio	-1,0	-0,4	0,7	1,3	1,6	0,0	0,4	0,7	0,5	0,7
Informação e comunicação	0,9	0,1	3,2	1,7	1,6	-0,3	4,6	6,1	5,4	2,9
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	1,1	0,6	0,1	2,0	7,0	5,6	2,5	4,0	3,3	4,8
Atividades imobiliárias	1,5	0,2	1,0	0,9	3,6	2,7	3,9	3,7	3,8	3,5
Outras atividades de serviços	0,6	1,3	1,7	0,8	1,1	2,4	4,7	4,5	4,6	3,1
Adm., defesa, saúde e educação públicas e seguridade social	0,5	0,2	0,0	1,0	0,4	1,7	1,3	1,9	1,6	1,4

Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O PIB da agropecuária registrou quedas de 2,3% na margem e de 2,9% na comparação interanual. O resultado ficou acima da nossa projeção de -2,0% na margem e de -5,6% sobre o mesmo trimestre de 2023. A retração em termos interanuais subtraiu 0,2 p.p. do crescimento do PIB. No acumulado do ano, o setor apresenta queda de 2,9%, enquanto a taxa de expansão em quatro trimestres caiu de 6,4% para 0%. Entre os fatores condicionantes, com base no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), condições climáticas adversas explicam o fraco desempenho de alguns produtos agrícolas, cujas safras têm peso relevante no primeiro trimestre, a saber: soja (-4,3%) e milho (-10,3%). Já a atividade pecuária contribuiu positivamente para o resultado. No segundo trimestre, o *carry-over* para 2024 ficou em -0,6%.

Em relação ao setor de serviços, os crescimentos de 1,0% na margem e 3,5% em termos anuais ficaram acima da nossa projeção, que era de 0,5% e 1,9%, respectivamente. Com isso, o setor voltou a exercer a maior contribuição para a taxa interanual do PIB, somando 2,0 p.p. Na comparação acumulada em quatro trimestres, a expansão do PIB de serviços passou de 2,3% para 2,6%. Entre os seus componentes, o crescimento ocorreu de maneira generalizada em ambas as bases de comparação, mesmo em um ambiente menos benigno em relação aos seus preços. Na comparação com ajuste sazonal, os destaques positivos ficaram por conta das atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados, do comércio e de transporte, armazenagem e correio, com avanços de 2,0%, 1,4% e 1,3%, respectivamente. Tomando por base a variação acumulada no ano, todos os componentes registraram crescimento, seja na métrica interanual, seja na métrica dessazonalizada. Nesse caso, o destaque no primeiro semestre foi a ati-

GRÁFICO 2  
**PIB e componentes da oferta: evolução dos indicadores dessazonalizados**  
 (Base: 4º trim./2019 = 0)

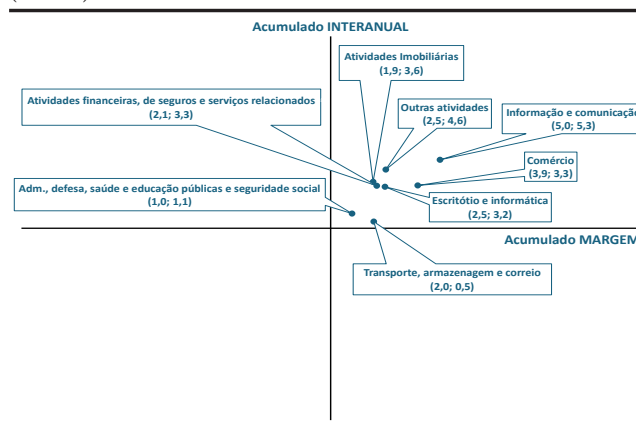


Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

vidade serviços de informação e comunicação, com altas acumuladas de 5,0% na margem e de 5,3% em termos anuais (gráfico 3). O resultado do segundo trimestre deixa um *carry-over* de 3,0% para o PIB de serviços em 2024.

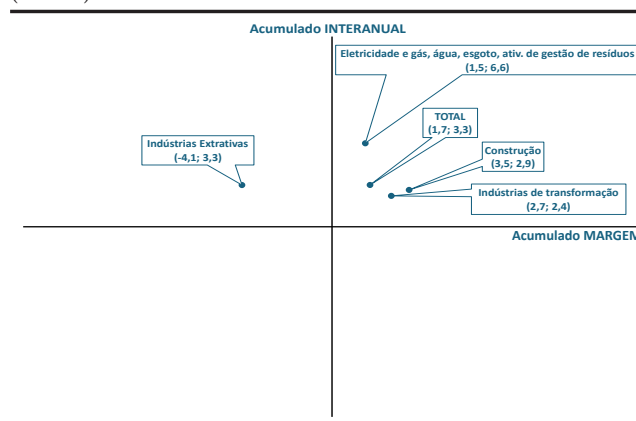
Por fim, o setor industrial foi o grande destaque positivo no segundo trimestre, avançando 1,8% na margem, resultado que sucedeu queda de 0,1% no período anterior. Na comparação interanual, o crescimento de 3,9% foi a nona variação positiva seguida, representando uma adição de 0,8 p.p ao resultado do PIB. Os resultados vieram mais fortes que os previstos, que eram de -0,4% na margem e 1,8% na comparação interanual. No acumulado em quatro trimestres, o setor registrou alta de 2,6%. Em termos agregados, os efeitos das enchentes no Sul foram menores que o previsto sobre a produção industrial. Entre os componentes, assim como aconteceu com o setor terciário, o grau de difusão foi bastante elevado. Enquanto a única queda na margem ficou por conta da indústria extrativa, o crescimento na comparação interanual ocorreu de forma generalizada. Refletindo um cenário com demanda interna aquecida, isto é, estoques ajustados e custos das matérias-primas ainda comportadas, a atividade da indústria de transformação segue se recuperando. A queda das taxas de juros, *vis-à-vis* a maior disponibilidade de crédito, explica o bom desempenho de setores importantes no primeiro semestre, como, por exemplo, o automobilístico. Destacaram-se também no segundo trimestre as indústrias do segmento de eletricidade, gás, água, esgoto e atividades de gestão de resíduos, cuja alta de 4,2% na margem foi a maior entre os componentes. Em relação ao resultado acumulado no ano, com exceção da indústria extrativa, todas as demais registraram crescimento nas duas métricas (gráfico 4). Com o resultado do segundo trimestre, o *carry-over* do PIB industrial ficou em 2,9% para 2024.

**GRÁFICO 3**  
**PIB de serviços e componentes: taxas de crescimento acumuladas no ano**  
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Obs.: 1. A comparação acumulada na margem é calculada a partir das taxas trimestrais dessazonalizadas.

**GRÁFICO 4**  
**PIB da indústria e componentes: taxas de crescimento acumuladas no ano**  
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## BOX 1

### Crescimento interanual: contribuições por setor pela ótica da produção

- Na comparação interanual, o setor de serviços voltou a ser um dos destaques positivos, adicionando 2,0 p.p. ao crescimento do PIB.
- Já a indústria e os impostos exerceram impactos mais modestos, contribuindo com 0,8 p.p. e 0,7 p.p., respectivamente, na base de comparação interanual.
- Por fim, a agropecuária subtraiu 0,2 p.p. no resultado do segundo trimestre.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2

**PIB por setor: contribuição para a taxa real de crescimento interanual<sup>1</sup>**  
(Em p.p.)

	2022		2023				2024	
	T3	T4	T1	T2	T3	T4	T1	T2
<b>PIB<sup>2</sup></b>	<b>0,1</b>	<b>0,2</b>	<b>1,0</b>	<b>1,4</b>	<b>2,0</b>	<b>2,1</b>	<b>2,5</b>	<b>3,3</b>
Impostos sobre produtos	0,4	0,3	0,5	0,4	0,2	0,1	0,4	0,7
Agropecuária	0,6	-0,2	1,4	1,2	0,5	0,0	-0,2	-0,2
Indústria	0,6	0,9	0,4	0,2	0,2	0,7	0,6	0,8
Serviços	2,7	1,8	2,0	1,6	1,1	1,2	1,7	2,0

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas: <sup>1</sup> Valores aproximados.

<sup>2</sup> Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

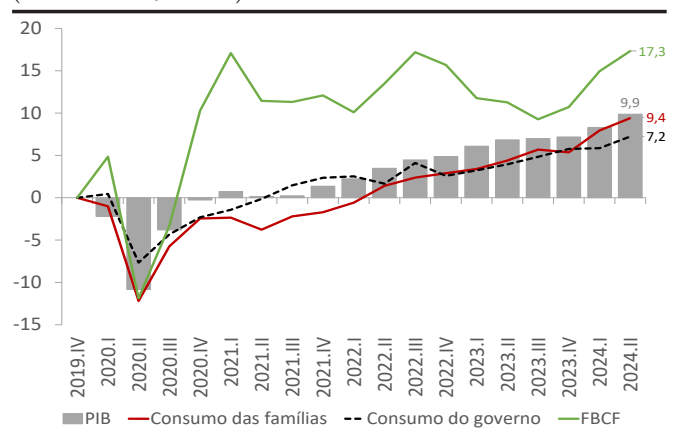
### 3 Ótica da despesa

Pelo lado despesa, o consumo das famílias voltou a crescer, embora a alta de 1,3% tenha apresentado alguma desaceleração na margem em relação ao período anterior. Além de um quadro mais favorável no mercado de crédito, o resultado reflete um mercado de trabalho cada vez mais aquecido, mantendo dinamismo tanto na criação de vagas quanto nos rendimentos. O PIB do segundo trimestre ratificou a melhora em termos de composição, caracterizada por mais uma forte expansão da FBCF. Como já era esperado, esse resultado veio acompanhado de redução das exportações líquidas, explicada, em grande medida, pelo rápido crescimento das importações (tabela 3). Com base no quarto trimestre de 2019, a FBCF apresenta a maior taxa de crescimento acumulada (17,3%), com forte aceleração a partir do quarto trimestre de 2023. Já a aceleração do consumo das famílias é mais recente, notadamente ao longo de 2024 (gráfico 5).

GRÁFICO 5

**PIB e componentes da oferta: evolução dos indicadores dessazonalizados**

(4º trim./2019 = 100)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 3

**PIB e componentes de demanda: evolução das taxas de crescimento**  
(Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T22	4T23	1T24	2T24	3T22	4T23	1T24	2T24	No ano	Em quatro trimestres
<b>PIB a preços de mercado</b>	<b>0,1</b>	<b>0,2</b>	<b>1,0</b>	<b>1,4</b>	<b>2,0</b>	<b>2,1</b>	<b>2,5</b>	<b>3,3</b>	<b>2,9</b>	<b>2,5</b>
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	-0,4	0,9	2,1	2,3	-1,2	0,4	2,8	5,1	4,0	1,8
Demanda interna final	0,4	0,6	2,2	1,3	0,9	1,2	3,8	4,7	4,2	2,6
Consumo total	0,8	0,4	1,9	1,3	2,7	2,5	4,0	4,5	4,2	3,4
Consumo das famílias	1,2	-0,3	2,5	1,3	3,3	2,3	4,4	4,9	4,6	3,7
Consumo do governo	0,9	0,9	0,1	1,3	0,8	3,0	2,6	3,1	2,9	2,4
FBCF	-1,8	1,3	3,8	2,1	-6,8	-4,4	2,7	5,7	4,2	-0,9
Exportações de bens e serviços	2,9	0,0	0,4	1,4	10,0	7,3	6,5	4,5	5,4	7,0
Importações de bens e serviços	0,6	0,9	4,5	7,6	-6,1	-0,9	10,2	14,8	12,6	4,1

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O consumo das famílias avançou 1,3% na margem, com crescimento interanual de 4,9%. O resultado representou a maior surpresa em relação às nossas previsões pelo lado da demanda, que eram de 0% na margem e de 3,2% em termos interanuais. Em um ambiente mais benigno no mercado de crédito, os ganhos reais de renda do trabalho, associados às medidas de elevação do salário mínimo e às transferências de renda por parte do go-

verno, continuaram a impulsionar a demanda interna. Com isso, o consumo das famílias contribuiu com 3,1 p.p para o crescimento do PIB no segundo trimestre. Já o consumo do governo, que foi 3,1% superior ao mesmo período do ano passado, avançou 1,3% na comparação com ajuste sazonal, números também acima dos previstos (altas de 2,2% e 0,6%, respectivamente). No acumulado em quatro trimestres, a taxa de crescimento do consumo das famílias aumentou de 3,2% para 3,7%. O resultado do segundo trimestre deixa um *carry-over* de 4,1% para 2024. Já o consumo do governo, que foi 3,1% superior ao mesmo período do ano passado, avançou 1,3% na comparação com ajuste sazonal, ou seja, valores que também superaram a nossa previsão (altas de 2,2% e 0,6%, respectivamente). Em quatro trimestres, o componente acelerou sua taxa de crescimento de 2,1% para 2,4%. Já o *carry-over* para 2024 ficou em 2,3%.

A FBCF, por sua vez, registrou alta de 2,1% na margem e crescimento de 5,7% na comparação interanual, diante de previsões de 0% na margem e 5,0% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Com o aumento do índice de volume da FBCF no segundo trimestre do ano, que adicionou 0,9 p.p. ao PIB, a taxa de investimento da economia (FBCF/PIB em termos nominais) atingiu patamar de 16,8%, o que representou alta de 0,4 p.p. em relação ao mesmo período de 2023. No acumulado em quatro trimestres, a FBCF ainda registra queda de 0,9%. O resultado do segundo trimestre deixa um *carry-over* de 4,1% para 2024. A taxa de poupança bruta, por sua vez, subiu 0,3 p.p. na comparação interanual, passando de 15,7% para 16,0%. Com isso, a poupança externa ficou positiva no segundo trimestre em 0,8% (gráfico 6).

Por fim, as exportações registraram avanço de 1,4% na margem, resultado que sucedeu pequena alta de 0,4% no período anterior. Na comparação interanual, o volume exportado desacelerou pelo quarto período consecutivo, ainda assim ficando 4,5% acima do patamar observado no segundo trimestre de 2023. Por sua vez, refletindo o bom desempenho da demanda interna no período, as importações voltaram a registrar forte aceleração na margem (7,6%), com alta de 14,8% em termos interanuais. Embora o crescimento das importações já fosse esperado, os resultados superaram nossas previsões, que eram de 3,3% e 10,6%, respectivamente. Com isso, as exportações líquidas retiraram 1,5 p.p. da taxa de crescimento interanual do PIB.

## BOX 2

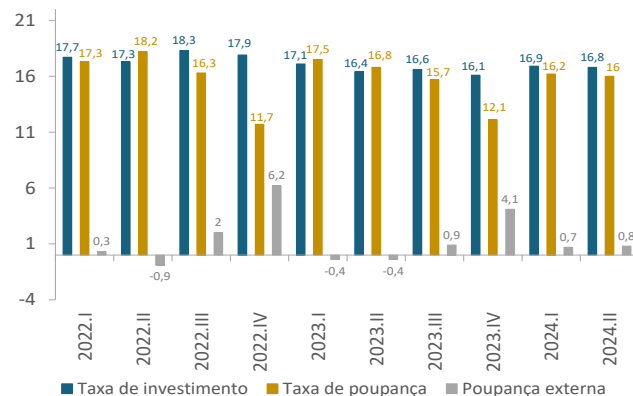
### Crescimento interanual: contribuições pela ótica da despesa

- Na comparação interanual, a absorção doméstica adicionou 4,9 p.p. ao crescimento do PIB.
- O consumo das famílias contribuiu positivamente com 3,1 p.p. no trimestre, isto é, a maior contribuição pelo lado da despesa.
- Os investimentos em capital fixo adicionaram 0,9 p.p. no resultado interanual.
- O componente variação de estoques exerceu contribuição positiva para a taxa trimestral do PIB no quarto trimestre (0,3 p.p.).
- Por fim, as exportações líquidas retiraram 1,5 p.p. do PIB no trimestre.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6

**Poupança externa: evolução das taxas de investimento versus taxas de poupança interna**  
(Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



TABELA 4

**PIB pela ótica da despesa: contribuição para a taxa real de crescimento trimestral**

(Em p.p.)

	2022		2023				2024	
	T3	T4	T1	T2	T3	T4	T1	T2
<b>PIB<sup>1</sup></b>	<b>0,1</b>	<b>0,2</b>	<b>1,0</b>	<b>1,4</b>	<b>2,0</b>	<b>2,1</b>	<b>2,5</b>	<b>3,3</b>
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	4,8	1,1	3,2	1,4	-1,2	0,4	2,9	4,9
Demanda interna final	4,3	3,4	2,9	2,0	1,0	1,2	3,7	4,6
Consumo total	3,4	2,9	2,6	2,4	2,2	2,0	3,3	3,7
Consumo das famílias	2,9	2,8	2,5	1,9	2,1	1,4	2,8	3,1
Consumo do governo	0,5	0,0	0,1	0,4	0,1	0,6	0,5	0,6
FBCF	0,9	0,6	0,3	-0,3	-1,2	-0,8	0,4	0,9
Variação de estoques	0,5	-2,4	0,3	-0,7	-2,2	-0,8	-0,8	0,3
Exportações líquidas de bens e serviços	-0,5	1,6	1,0	2,1	3,1	1,6	-0,4	-1,5
Exportações	1,6	2,3	1,4	2,3	2,0	1,4	1,2	0,8
Importações	2,0	0,7	0,4	0,2	-1,2	-0,2	1,6	2,3

Fonte: IBGE.

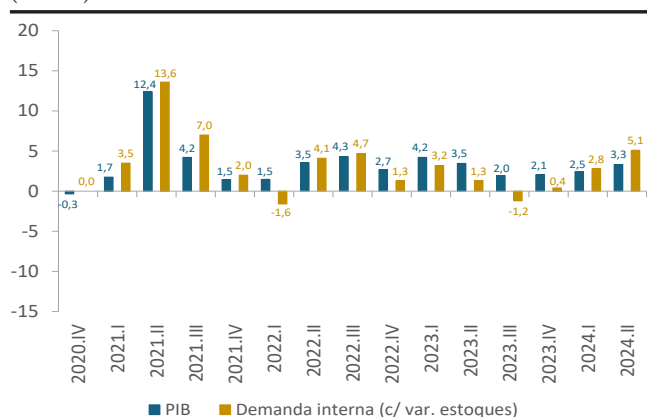
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento, em porcentagem.

GRÁFICO 7

**Taxas de crescimento: PIB versus demanda interna – taxa trimestral**

(Em %)



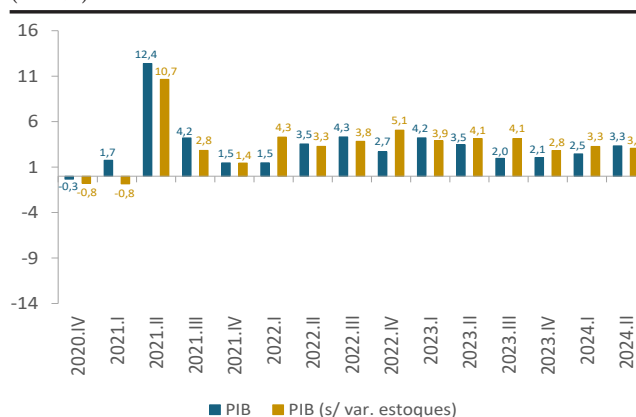
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 8

**Taxas de crescimento: PIB versus PIB sem estoques – taxa trimestral**

(Em %)



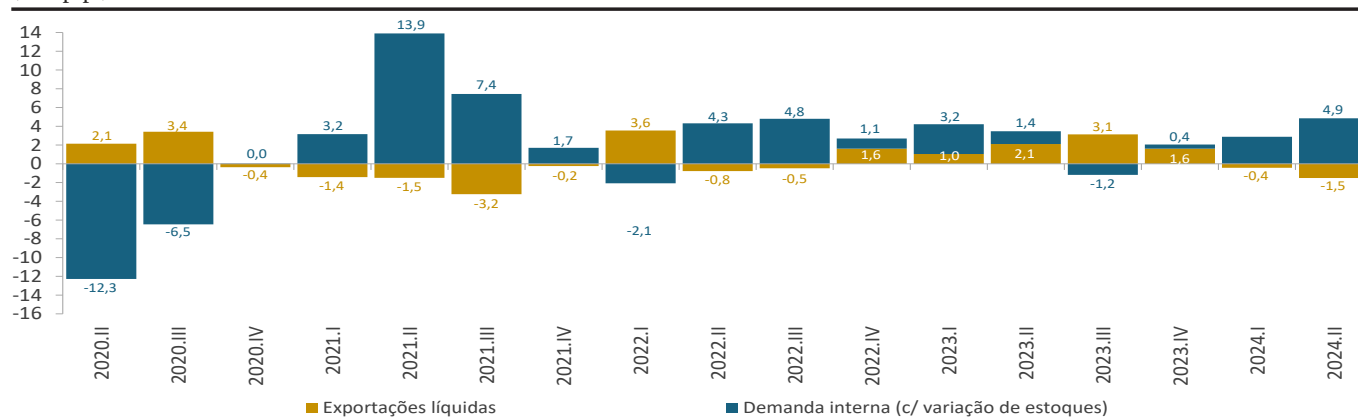
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9

**Contribuição para a taxa real de crescimento trimestral do PIB: absorção doméstica versus exportações líquidas**

(Em p.p.)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)  
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora y Araujo  
Sandro Sacchet de Carvalho  
Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Debora Mesquita Pimentel  
Felipe dos Santos Martins

**Equipe de Assistentes:**

Beatriz de Luna Barreto  
Izabel Nolau de Souza  
Marcelo Guedes Pecky  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Equipe Administrativa:**

Amanda Fernandes Tatagiba  
Lidiane Santos de Souza  
Aline Conceição Santos  
Rosanne Rodrigues Barbosa

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges  
Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---